

A capela de Santo Antônio após o rompimento da barragem em Mariana: uma imagem, vários sentidos e temporalidades¹

Tamara Marques²
Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, MG

RESUMO

Uma capela que resiste em meio a destruição promovida pela passagem de um mar de lama, essa é uma das várias imagens que referenciam, pós-evento, o rompimento da barragem localizada em Mariana/MG ocorrido em novembro de 2015. Este artigo parte desse acontecimento catastrófico para propor uma discussão sobre experiência estética a partir da fruição da imagem da capela de Santo Antônio, objeto que se tornou símbolo do ocorrido para retratar a comunidade atingida de Paracatu de Baixo, por seu uso recorrente nos meios de comunicação. No decorrer do texto, será proposta uma discussão sobre as afetações e possibilidade de sentidos a partir da imagem da capela, além de promover uma reflexão acerca das temporalidades imbricadas na fruição da imagem desse templo religioso após o rompimento da barragem.

PALAVRAS-CHAVE: acontecimento; afetação; capela; experiência estética; imagem

Introdução

O dia 5 de novembro de 2015 marcou a história do Brasil e da mineração em todo o mundo. Nesta data, uma barragem de rejeitos de minério de ferro localizada na cidade de Mariana, no interior de Minas Gerais, rompeu-se, deixando um rastro de destruição nos estados de Minas Gerais e Espírito Santo. A barragem pertence a mineradora Samarco, empresa formada pela brasileira Vale S.A. e a anglo-australiana BHP Billiton que são hoje as responsáveis pelo o que se considera ser o maior desastre envolvendo barragens de rejeitos de minério no mundo, a partir dos registros iniciados no século XX, a partir do ano 1915, conforme a Bowker Associates³. “Para além das perdas materiais e ambientais, a tragédia humana envolvida no desastre foi um dos principais agentes

¹ Trabalho encaminhado à Divisão Temática 7 - Comunicação, Espaço e Cidadania do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realização de 7 a 9 de junho de 2018.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto, e-mail: tamara.marque@ymail.com.

³ A Bowker Associates é uma consultoria americana de gestão de riscos relativos à construção pesada. Em parceria com o geofísico David Chambers foi elaborado estudo que apresenta que o rompimento da barragem em Mariana é o maior desastre do gênero da história mundial nos últimos 100 anos. Disponível em: <http://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2016-01/desastre-em-mariana-e-o-maior-acidente-mundial-com-barragens-em-100-anos>. Acesso em: 18 fev. 2018.

mobilizadores nos dias imediatamente posteriores ao rompimento da barragem” (LOSEKANN; MILANEZ, 2016, p. 11).

A onda de rejeitos contendo cerca de cerca de 60 milhões de m³ fez um percurso de destruição de mais de 600 quilômetros seguindo o curso de dois rios: o Gualaxo e o Doce. No estado de Minas Gerais provocou o desaparecimento quase que por completo de dois subdistritos, Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo, além de impactar outras comunidades e cidades ao longo do rio Gualaxo. Os impactos são incontáveis: vítimas fatais, famílias desabrigadas pela destruição de suas residências, agravos de saúde, mudanças na dinâmica sociocultural, perda da renda e capacidade produtiva, entre tantos outros possíveis acarretados por um deslocamento forçado, ocorrido sem nenhuma forma de aviso preventivo. Ao chegar ao rio Doce⁴, que segue em direção ao estado do Espírito Santo, a lama provocou o desabastecimento hídrico de vários municípios, populações inteiras se viram sem água própria para consumo. Ainda que não tenham recebido o impacto da lama diretamente em suas propriedades, as populações residentes ao longo do rio Doce sofreram com o impacto em sua fonte de sustento e vida: o rio. Pescadores, areeiros, faiscadores, agricultores, empreendedores do turismo, populações indígenas (como as etnias Tupiniquim, Guarani e Krenak) e ribeirinhas assistiram com a chegada da lama, a impossibilidade de continuarem exercendo suas atividades econômicas, culturais e de lazer.

O rompimento da barragem foi intitulado de várias formas: tragédia, desastre, crime, acidente, evento. As maneiras de definir e narrar esse fato trazem consigo vários significados, muitas vezes antagônicos, que fazem emergir discussões de ordem sociocultural, histórica, econômica considerando todo atravessamento provocado a partir desse acontecimento. “Não há como abordar o desastre ambiental de Mariana sem tratá-lo como um acontecimento” (LOCATELLI; VARELA, 2017, p. 3). Talvez sejam infundáveis todas as descontinuidades e as rupturas que esse acontecimento provocou e, possivelmente, ainda continua provocando nos diversos âmbitos do seu alcance e impacto. O acontecimento é um fenômeno que exerce a ação dos sentidos, pode ser observado e afetar a sensibilidade do sujeito. Pode ser entendido como aquilo irrompe certa normalidade e cotidianidade, provoca o sujeito a busca da significação. “É exatamente por não ter sentido em meio àquilo que já existe que o acontecimento obriga

⁴ O Rio Doce é formado pelo encontro do Rio do Carmo e Gualaxo, na cidade que também leva o nome de Rio Doce, ainda em Minas Gerais.

o sentido, fazendo com que o sujeito busque novos significados para dar conta do que acontece a ele” (FRANÇA; LANA, 2008, p.5). É o sujeito que dá sentido e é capaz de ter a percepção quando algo quebra sua rotina, apresenta-se como inesperado, proporciona uma desorganização do presente, sendo capaz de provocar inquietações e busca por respostas.

Busca-se, nos limites deste artigo, dar destaque ao subdistrito de Paracatu de Baixo que, assim como o subdistrito de Bento Rodrigues, foi atingido pela passagem da lama. Especificamente, busca-se discutir, por meio de suas imagens, o objeto simbólico da Capela de Santo Antônio, templo religioso ainda existente na comunidade e que é hoje um vestígio ou aquilo que ainda restou do acontecimento do dia 05 de novembro, potencializando uma discussão sobre os afetos e as experiências possíveis a partir da fruição da imagem desse templo.

O subdistrito de Paracatu de Baixo

O subdistrito de Paracatu de Baixo pertence ao distrito de Monsenhor Horta situado na cidade histórica de Mariana - Minas Gerais e está localizado à 35 km da sede municipal. Essa localidade também foi encoberta, quase que por completo, pela lama de rejeitos. Os registros a seguir apresentam um comparativo de imagens de satélite do subdistrito antes e depois da passagem da lama.

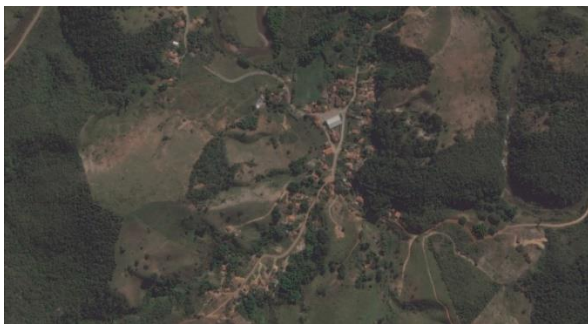


Figura 1 - Imagem de satélite/ Google Earth capturada em 23 de junho de 2015



Figura 2 - Imagem de satélite/ Google Earth capturada em 11 de dezembro de 2015

A comunidade de Paracatu de Baixo se estabeleceu ao longo do rio Gualaxo. Dessa forma, a passagem da lama, que seguiu o curso desse rio, destruiu a maioria das residências da localidade, restando apenas algumas edificações nas partes mais elevadas da comunidade ou sítiantes mais afastados do pequeno adensamento de residências, porém que perderam, quase que por completo, os equipamentos básicos para seu cotidiano como escola, estradas, posto de saúde, entre outros, não sendo possível a

permanência nem mesmo daquelas famílias em que as casas não receberam a lama diretamente.

Toda tessitura social, cultural, econômica do subdistrito de Paracatu de Baixo foi abruptamente impactada em consequência da onda de rejeitos de minério de ferro, que devastou o lugarejo, fazendo com que a população⁵, em sua maioria, fosse deslocada para a sede do município de Mariana, passando a conviver em um novo contexto social de urbanização.

Várias características dessa comunidade foram desmanteladas em função do rompimento da barragem: 1) territorialidade, na medida que o seu espaço foi destruído e, hoje, a população se encontra distribuída aleatoriamente num contexto urbano, na sede de Mariana que concentra cerca de 87%⁶ da população urbana do município; 2) os vínculos prejudicados, tendo em vista o distanciamento físico em que as famílias se encontram na nova realidade territorial; 3) mudança de hábitos e dinâmicas sociocomunicacionais a partir daquilo que novo território oferece ou deixa de oferecer comparado às características de ruralidade do território anterior.

Os impactos no subsisto de Paracatu de Baixo foram amplamente divulgados pela mídia nacional e internacional sendo que uma imagem acabou se tornando um dos símbolos para retratar a tragédia nessa localidade e as rupturas e, também, resistências provocado com esse acontecimento: a capela de Santo Antônio.

A capela de Santo Antônio como registro de um acontecimento

A capela de Santo Antônio foi batizada com o nome do padroeiro da comunidade. Ela, que está localizada no coração do subdistrito, manteve-se inteira sob aspecto estrutural, apesar da intensa devastação física em decorrência do rompimento. A imagem desse templo após o acontecimento pode provocar inúmeras reflexões possíveis considerando os significados agora imbricados em suas paredes e seus arredores que carregam os vestígios do rompimento da barragem, as marcas nas paredes, os vidros quebrados, as estruturas em madeira (portas, janelas) danificados, o acúmulo de rejeito

⁵ Mais de 90% da população de Paracatu de Baixo foi desalojada com a chegada da lama, o que representa cerca de 120 famílias, segundo a Fundação Renova. Disponível em: <<http://www.fundacaorenova.org/reassentamentos/paracatu-de-baixo/>>. Acesso em: 10 dez.2017

⁶ Dados referente ao ano de 2010, conforme apresentado pelo Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. Disponível: <http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/mariana_mg>. Acesso em: 24 de fev. 2018.

em sua entrada que servia enquanto adro para convivência dos fies, são alguns exemplos desses vestígios.

A imagem da capela com as marcas da lama de rejeitos foi e continua sendo amplamente circulada nos veículos de comunicação como forma de mediar diferentes assuntos referentes à tragédia em diferentes momentos desse acontecimento. A título de exemplo, apresenta-se 3 imagens utilizadas no portal de notícias G1⁷ que retratam o acontecimento em diferentes momentos, usadas para abordar temáticas distintas.



Figura 3 - Imagem publicada pelo G1 em 07 de novembro de 2015



Figura 4 - Imagem publicada pelo G1 em 16 de abril de 2016



Figura 5 - Imagem publicada pelo G1 em 03 de setembro de 2016

Nos exemplos de matérias publicadas pelo Portal G1, a imagem da capela foi utilizada a partir de diferentes angulações. A primeira matéria divulgada pelo portal utilizando a capela ocorreu logo após o rompimento em novembro de 2015. Ela traz um panorama geral do impacto no local sob ótica de um morador que, naquele momento, ainda permanecia no local. Já a segunda matéria selecionada, que é do ano de 2016, tem como temática o tombamento⁸ pelos órgãos de defesa do patrimônio, das comunidades

⁷ Portal de notícias G1 pertencente ao grupo Globo, um dos sites mais populares do Brasil segundo *ranking* publicado na Revista EXAME em 2017. O ranking de *sites* mais visitados no Brasil publicado pela Revista Exame foi realizado pela empresa americana de comércio eletrônico AMAZON. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/tecnologia/os-50-sites-mais-acessados-do-brasil-e-do-mundo/>>. Acesso em: 18 ago. 2017.

⁸ O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN define tombamento como: “instrumento de reconhecimento e proteção do patrimônio cultural mais conhecido, e pode ser feito pela administração federal, estadual e municipal. (...) De acordo com o Decreto, o Patrimônio Cultural é definido como um conjunto de bens móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação é de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico. São também sujeitos a tombamento os monumentos naturais, sítios e paisagens que importe conservar e proteger pela feição notável com que tenham sido dotados pela natureza ou criados pela indústria humana. (...) Para ser tombado, o bem passa por

do município de Mariana atingidas pela lama. A imagem do subdistrito de Paracatu de Baixo feita em um plano um pouco mais fechado é apresentada com a capela ao fundo, num momento que parece próximo a data do rompimento, considerando a lama ainda liquefeita. A imagem foi utilizada para ilustrar a matéria publicada 6 meses depois da tragédia, enfatizando a situação de caos e devastação provocada na localidade, ainda que a realidade física do espaço meses depois já estivesse alterada. A terceira matéria, também do ano de 2016, noticia que a comunidade de Paracatu de Baixo irá escolher, entre 3 possibilidades de terrenos, a localidade onde será construído o novo vilarejo, ou seja, local em que a comunidade será reassentada. A imagem da capela é apresentada com maior aproximação. E, ainda que existam outras estruturas físicas na imagem, as demais se apresentam enquanto destroços, restos, diferente da capela que se manteve inteira. Da mesma forma, após 10 meses do ocorrido, o veículo optou pelo uso da imagem que representa os dias seguintes ao rompimento, retratando a lama ainda alta e ocupando toda a comunidade.

Realizando uma busca rápida por meio da ferramenta *Google* Imagens, tendo como a exemplo a terceira imagem apresentada aqui, percebe-se como a capela foi utilizada por vários outros veículos e instituições para noticiar esse acontecimento. Jornais *on line*, blogs, instituições públicas e privadas fizeram uso da mesma imagem para narrar o acontecimento.

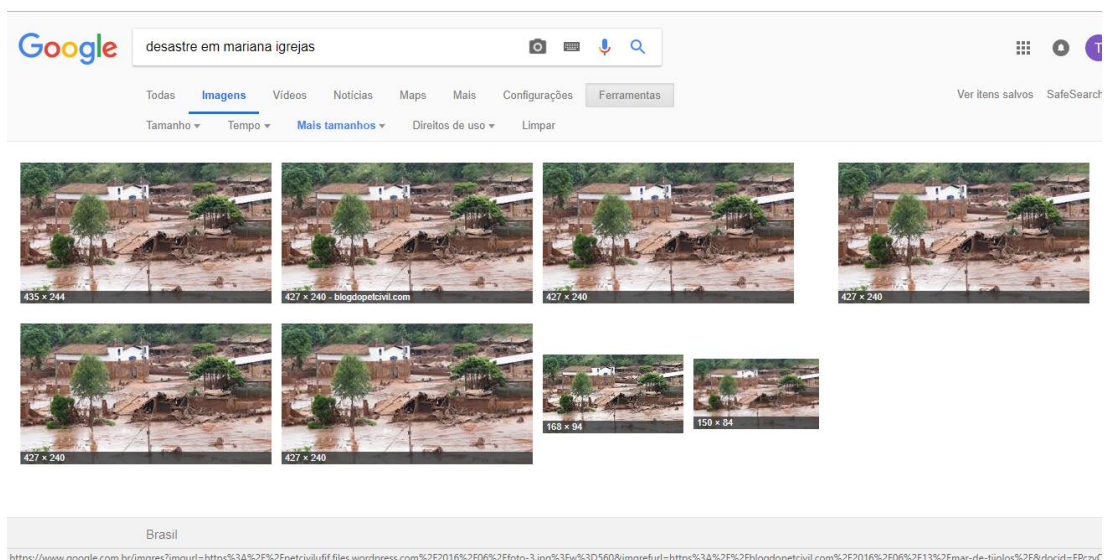


Figura 6 - Busca realizada via Google imagens em 03 de mar. 2018

um processo administrativo que analisa sua importância em âmbito nacional e, posteriormente, o bem é inscrito em um ou mais Livros do Tombo.” Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126>. Acesso em: 15 jan. 2018.

O uso da imagem da capela em diferentes momentos do acontecimento reforça o quanto esse objeto se tornou um vestígio do ocorrido, principalmente, se constituindo um símbolo da comunidade de Paracatu ao se relatar e retratar o rompimento da barragem.

As imagens do templo, com a marca da passagem da lama e seu arredor encoberto pelo rejeito, podem provocar uma narrativa quase que completa do ocorrido: uma enxurrada de lama, que sem aviso, se abateu sobre uma pequena e pacata comunidade do interior de Minas, destruindo casas, plantações, pastagens, derramando rejeito por um rio, fazendo que pessoas fugissem dali às pressas, deixando sua memória, sua terra, seu espaço, seu passado e sua forma de viver.



Figura 7 - Imagem da capela de Santo Antônio em material publicada pelo jornal “O Tempo” em maio de 2016

Porém, essa narrativa apresentada é uma das várias possíveis tendo em vista este objeto e o acontecimento em questão. A imagem, ao abrir possibilidades de contemplação, pode evocar inúmeras interpretações particulares, pois a fruição a partir da capela será sempre particularizada, singular e vista de maneira específica por cada sujeito que se colocar diante dela provocando sentidos diversos. “O sentido nada mais é do que uma forma complexa da consciência: não existe em si, mas possui um objeto de referência. Sentido é a consciência de que existe uma relação entre as experiências”. (BERGER; LUCKMANN, 2012, p.15). O aspecto relacional na produção de sentidos a partir dessa imagem enquanto retrato de um acontecimento e suas reverberações se faz presente e necessário, pois é o sujeito quem dará sentido ao ocorrido e permitirá sua existência a partir do processo de significação. Trata-se da possibilidade de promover inúmeras inquietações, sentidos e diferentes percepções, como poder ser visto a partir de Moriceau e Mendonça (2016):

O sentido não é algo dado, materializado, é resultado da potência do afetar. Afetar é um signo e uma fonte de sentido. Trata-se assim de experimentar a experiência estética, de desfrutar o que ela pode produzir em nossa existência, de pensar a partir dela (MORICEAU; MENDONÇA, 2016, p.87).

Importante discutir aqui a dimensão e alcance da potência do afetar. O afeto no sentido de sensibilizar-se a partir de algo, possibilitando diversas sensações e impressões “tornar-se curioso para ver para onde elas levarão nossos corpos e nossos pensamentos” (MORICEAU; MENDONÇA, 2016, p.81). Assim, a imagem da capela de Santo Antônio enquanto referente do rompimento da barragem pode provocar diferentes formas de afetação que estão relacionadas à experiência do sujeito, a emoções, a bagagem afetiva e de memória trazida por cada um. “A experiência é afetiva, mas nela não existem coisas separadas, chamadas emoções. Do mesmo modo, as emoções ligam-se a acontecimentos e objetos em seu movimento” (DEWEY, 2010, p.119). Importante destacar que tanto Dewey quanto Moriceau e Mendonça entendem essa questão afetiva vinculada também à questão racional, sendo a emoção um produto da racionalidade.

Entender uma imagem enquanto um objeto estético, é refletir sobre as experiências possíveis que esse objeto pode remeter e proporcionar. Nesse sentido, faz-se fundamental refletir o significado do termo estética que comumente é relacionado ao campo das artes, no entanto apresenta uma amplitude em sua utilização e significação. A palavra que vem do grego *aesthesis* que significa “sensível”, ou seja, remete à dimensão da sensibilidade, do relacional e, conseqüentemente, do sujeito. A experiência estética se apresenta como a reação do sujeito frente a determinado objeto e/ou ação, em uma ou várias temporalidades. Ela “é o desenvolvimento esclarecido e intensificado de traços que pertencem a toda experiência normalmente completa” (DEWEY, 2010, p.125), por ser uma experiência entendida de fora para dentro, que ocorre a partir da interação do sujeito com o mundo. LEAL, GUIMARÃES e MEDONÇA (2010) reforçam a dimensão do sensível, na definição que propõem sobre experiência estética:

A experiência estética não se reduz à ontologia dos objetos e é guiada por uma dimensão relacional que toma lugar da ênfase comumente atribuída às propriedades imanentes do objeto, à situação ou ao evento que, em virtude da economia interna de seus procedimentos expressivos, convoca nossa sensibilidade para experimentá-lo e compreendê-lo (LEAL, GUIMARÃES e MEDONÇA, 2010, p.7).

Podendo a experiência estética ser entendida enquanto uma conseqüência da afetação proporcionada em função de um objeto, o templo atingido em Paracatu de Baixo como imagem que evidencia o rompimento da barragem pode ser capaz de causar

diversos tipos de afetação: angústia, dúvidas, medo, raiva, tristeza, melancolia entre outras várias emoções possíveis. “A experiência estética ocorre em uma situação na qual o sujeito é levado a desenvolver uma compreensão pragmático-performativa do objeto que lhe é apresentado” (GUIMARÃES, 2016, p.14). Assim, é preciso considerar que o objeto em questão vem carregado de vários contextos específicos do território onde se deu o acontecimento, a religiosidade, a mineração vista como algo naturalizado, a influência de várias instituições e a necessidade de, frente aos fatos e as consequências dele, estabelecer posturas ou se inserir em lados, muitas vezes, antagônicos. A partir de Picado e Araújo (2013), poder-se-ia entender o objeto enquanto “vetor de uma experiência”, daí as várias afetações e experiências possíveis a partir da contemplação da imagem da capela.

Essa afetação pode ser objeto de luz, iluminar a reflexão e o pensamento de quem experiencia o acontecimento por meio desse símbolo. Como confirmam Moriceau e Mendonça (2016) “[...] o afeto nos força a pensar, a criar novos conceitos ou novas atitudes, nos expõe ao devir”. A partir desse objeto simbólico e a afetação causada por ele, diferentes narrativas podem ser construídas a partir do mesmo acontecimento e remeter a diferentes temporalidades. A imagem pode apresentar uma realidade ainda não visível, ainda não percebida e que pode ser descoberta por meio dos diversos tempos existentes numa mesma imagem, num mesmo objeto de observação. Ao mesmo tempo que pode expressar completude, a imagem pode ser um convite para mergulhar nos diversos sentidos possíveis do acontecimento, possibilitando diferentes experiências estéticas. A imagem atual do templo localizado em Paracatu de Baixo, com seus rastros e vestígios, pode ser entendida enquanto dialética por ser capaz de “contrair presente, passado e futuro em momento singular” (LISSOVSKY, 2014, p. 7), ela representa um testemunho do acontecimento socioambiental capaz de remeter a diversas temporalidades.

As marcas e condições atuais da capela de Santo Antônio representam o presente de um acontecimento socioambiental catastrófico que não se findou novembro de 2015, o fato continua atravessando a realidade e cotidianidade. Não seria possível trazer o aspecto do presente sem destacar a população que residia nesse local que, apesar de atualmente estar distante da sua região de origem, continua retornando ao local para vivenciar seu objeto simbólico no intuito de realizar suas manifestações culturais naquele espaço que permaneceu, mas certamente não é o mesmo.



Figura 8 - Capela de Santo Antônio nos dias atuais - Festa do Menino Jesus/2017. Acervo Cleber Ribeiro, 16 de setembro 2017

Perceber o uso atual do templo também pode despertar naqueles que contemplam a imagem do presente, inúmeros sentidos sobre aquele espaço, sobre o grupo social e uma edificação que resistem diante de mais de 2 anos do acontecimento. Considerando alguns do sentidos e afetações possíveis, a imagem apresentada pode proporcionar diversos entendimentos e percepções: uma comunidade que luta pela manutenção das suas tradições, pela sua unidade, mesmo após todo desmantelamento provocado pela passagem da lama; remeter ao abandono, ao descaso e a morosidade dos processos de reparação, considerando os anos que já se passaram; demonstrar a preservação da memória de um acontecimento único, a partir da manutenção das marcas do passado, entre tantos outros possíveis. “A experiência estética raramente é una. Regularmente, ela possui múltiplas formas, atravessa distintos momentos, um tipo de experiência em devir” (MORICEAU; MENDONÇA, 2016, p.80). Nesse aspecto, a partir da multiplicidade de sentido e formas serão inúmeras as fruições possíveis a partir da imagem atual do templo.

Não há como dizer da vivência do presente a partir desse acontecimento sem remeter também as experiências do passado. A imagem da capela carrega a memória de uma outra temporalidade – anterior a passagem da lama que possivelmente não estava claramente relacionada ao contexto de uma mineração de exploração de ferro ou sob riscos que tal atividade poderia acarretar, uma vez que o subdistrito se localiza a cerca de 55 quilômetros⁹ da estrutura que se colapsou. A memória se faz amplamente contida nesse objeto simbólico e nas imagens que ele retrata. “A estética está diretamente ligada à

⁹ Distância de referência apresentada a partir da ferramenta – *Google Earth*

memória, na medida em que só é possível memorizar quando sou atingido pelos sentidos que me inscrevem na realidade e nas sensações que absorvo” (LOCATELLI; VARELA, 2017, p.13).

Conforme a discussão já iniciada, ao trazer o aspecto do presente, a afetação pode se dar não apenas em que experienciou aquele ambiente anteriormente, mas também nos sujeitos que são atravessados, se sentem afetados e estão experienciando esse acontecimento seja mediado por meio de imagens, relatos ou tantas outras mediações possíveis. Para Barthes (1984), a recepção de uma determinada imagem passa por um processo de complexificação, uma vez que, diante de uma imagem nunca se está apenas diante do seu referente, mas de uma junção do passado (que será sempre ressignificado), das memórias que são projetadas pelo receptor que observa a imagem no presente.

É possível ainda discutir a experiência estética sob ótica da projeção para o futuro. Quais potências de futuro possíveis a partir do templo que ficou “de pé”, suportando toda passagem do volume de lama, que ainda possibilita para os ex-moradores a manutenção de um vínculo com aquele espaço? Esse objeto pode simbolizar para muitos, a partir o contexto religioso dessa região, a esperança e possibilidade de recomeço, mas certamente os sentidos não se findam aí. Os futuros possíveis estão relacionados a diversos aspectos, a reparação justa das pessoas que sofreram com todo impactado, a um novo paradigma no processo mineratório. O ocorrido em Mariana pode inaugurar uma nova concepção sobre controles de riscos, amplitude de impactos, prevenções, legislações, implantação de grandes empreendimentos. É fundamental, pensar nas consequências futuras enquanto possibilidades “é necessário um mínimo de distância temporal para compreender o que se passou realmente” (QUÉRÉ, 2012, p.26), entender suas as consequências e reverberações. A reverberações a partir desse fato, a partir da contemplação da imagem da capela, certamente fortalecerão a reflexão sobre a atividade minerária para uma dimensão que vai além da operação de barragens, envolvendo todo contexto sociocultural, econômico e ambiental aos quais grandes empreendimentos podem impactar e reconfigurar, sendo pautados e ancorados pelo Estado na busca do chamado desenvolvimento econômico sustentável, que considerando a econômica globalizada e orientada pela capital, pode promover a manutenção de violações de direitos humanos fundamentais e impactos irreversíveis ao meio ambiente.

Considerações finais

Passado, presente e futuro estão postos diante da capela de Santo Antônio que traz as marcas, rastros, vestígios de um acontecimento. A discussão proposta nesse artigo teve como objetivo apresentar como a imagem do templo que resistiu a passagem da lama pode remeter a diferentes temporalidades e proporcionar afetações diversas a partir de sua fruição que sempre será singular, proporcionando, assim, diferentes experiências estéticas para os sujeitos que a contemplam.

Apesar de ser a mesma edificação do ponto de vista físico e estrutural, a imagem do templo religioso, não será a mesma de antes do rompimento da barragem, não apenas pelas marcas resultantes do acontecimento. A observação da imagem que pode levar a compreensão das rupturas e, também, a ordenação dos fatos proveniente do acontecimento não são imediatas e os processos de significação perpassarão pela experiência individual. O passado e o futuro estarão constantemente contribuindo e provocando a ressignificação e os questionamentos que emergem a partir desse acontecimento, sendo que a imagem do templo pode ser considerada como um vetor, um gatilho para provocar inquietações sobre o passado e potências de futuros possíveis.

As imagens da capela apresentadas nesse trabalho podem ser consideradas um testemunho de realidades possíveis e podem envolver o sujeito que a observa numa situação de diálogo com o objeto. Ao mesmo tempo que pode expressar completude, a imagem pode ser um convite para mergulhar nos diversos sentidos possíveis a partir do acontecimento em que ela está contida possibilitando diferentes experiências estéticas. Outra discussão proposta aqui apresentou o quanto o uso da imagem da capela em diferentes momentos do acontecimento reforça como esse objeto se tornou um vestígio do ocorrido, se tornado um referencial, um símbolo ao se remeter a comunidade de Paracatu de Baixo para retratar o rompimento da barragem.

Referências bibliográficas

Agência Brasil. **Desastre em Mariana é o maior acidente mundial com barragens em 100 anos.** Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-01/desastre-em-mariana-e-o-maior-acidente-mundial-com-barragens-em-100-anos>. Acesso em: 18 fev. 2018.

Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. **Mariana/MG.** Disponível: <http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/mariana_mg> Acesso em: 24 de fev. 2018.

BARTHES, Roland. **A câmara clara.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BRAGA, Jose Luiz. **Experiência estética e mediatização**. In: LEAL, Bruno Souza; GUIMARÃES, César; MENDONÇA, Carlos (orgs). Entre o sensível e o comunicacional. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CARDOSO FILHO, Jorge. **Para “apreender” a experiência estética: situação, mediações e materialidades**. Revista Galáxia, São Paulo, n. 22, p. 40-52, dez. 2011.

CASADEI, E. B. **O fotojornalismo como fato da memória e a composição como problematização do tempo na imagem**. In: MUSSE, Christina Ferraz; VAGAS, Herom; NICOLAU, Marcos (orgs). Comunicação, Mídia e Temporalidades. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2017.

Comunidade de Paracatu de Baixo escolhe terreno para reconstrução. 03 set. 2016. Portal G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/desastre-ambiental-em-mariana/noticia/2016/09/comunidade-de-paracatu-de-baixo-escolhem-terreno-para-reconstrucao.html>>. Acesso em: 24 ago. 2017.

CRISTINI, Flávia. **Tombamento deve preservar história de distritos destruídos por lama**. 20 abril 2016. Portal G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/desastre-ambiental-em-mariana/noticia/2016/04/tombamento-deve-preservar-historia-de-distritos-destruidos-por-lama.html>>. Acesso em: 24 ago. 2017.

DEWEY, John. **Ter uma experiência**. In: Arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

Distritos vão virar museu para que tragédia não seja esquecida. 07 mai. 2016. Jornal “O Tempo”. Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/cidades/distritos-v%C3%A3o-virar-museu-para-que-trag%C3%A9dia-n%C3%A3o-seja-esquecida-1.1294171>>. Acesso em: 15 jan. 2018. 2017.

EXAME. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/tecnologia/os-50-sites-mais-acessados-do-brasil-e-do-mundo/>>. Acesso em: 18 ago. 2017.

FRANÇA, Renné; LANA, Lígia. **Do cotidiano ao acontecimento, do acontecimento ao cotidiano**. In: E-Compós, Brasília, v.11, n°3, set/dez, 2008.

FREITAS, Raquel. **'Só chorar', fala lavrador que perdeu tudo em Paracatu de Baixo, em MG**. 07. Nov. 2015. Portal G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2015/11/so-chorar-fala-lavrador-que-perdeu-tudo-em-paracatu-de-baixo-em-mg.html>>. Acesso em: 24 ago. 2017.

FUNDAÇÃO RENOVA. **A construção de Paracatu de Baixo**. Disponível em: <<http://www.fundacaorenova.org/reassentamentos/paracatu-de-baixo/>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

GOOGLE. **Google Earth**. Versão 9.2.53.2. Imagem Paracatu de Baixo – Mariana/MG em 2015 e 2017. Disponível em: <<https://earth.google.com/web/@-20.30470058,-43.23047022,534.16405319a,3648.72152686d,35y,0h,0t,0r>>. Acesso em: 13 dez. 2017.

GOOGLE. **Google Imagens**. Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=desastre+em+mariana+igrejas&tbm=isch&tbs=simg>>

CAQSIQEJq1ekpPsjBIUaiQELEKjU2AQaAggVDAsQsIynCBpiCmAIAxIo6hTrFOEV9xTzFP
UU7RTiFdMV8hSdKsw49iqHOYI5mj_1COMIq2jjsPhowEIElyXAkno8bxGjMcXY5tuLkRI
KxfuTUxAFv-
3uEAtr4HF42HWd9T0PIDReU5nCIAQMCxCOrv4IGgoKCAGBEgQhEpdWDA&sa=X&ved
=0ahUKEwic057kw9PZAhWRwFkKHxq4Ao8Q2A4IJigB&biw=1366&bih=662#imgrc=Wsr
BN9A7sCP65M:>. Acesso em 03 de mar. 2018.

GUIMARAES, César. **As bordas entre a comunicação e a experiência estética.** In: MENDONÇA, Carlos Magno Camargos; DUARTE, Eduardo; CARDOSO FILHO, Jorge (org). *Comunicação e sensibilidade: pistas metodológicas.* Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2016. Disponível em <https://goo.gl/BdrKhZ>.

LEAL, Bruno Souza; GUIMARÃES, César; MENDONÇA, Carlos (orgs). **Entre o sensível e o comunicacional.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LISSOVSKY, Maurício. **Pausas do destino: teoria, arte e história da fotografia.** Rio de Janeiro: Mauad, 2014.

LOCATELLI, Carlos Augusto; VARELA, Luis Gustavo. **A novidade estética do desastre da Samarco como acontecimento jornalístico.** Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0742-1.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2017.

LOSEKANN, Cristiana; MILANEZ, Bruno (Orgs.). **Desastre no Vale do Rio Doce: antecedentes, impactos e ações sobre a destruição.** Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2016.

MORICEAU, Jean-Luc; MENDONÇA, Carlos Magno Camargos. **Afetos e experiência estética: uma abordagem possível.** In: MENDONÇA, Carlos Magno Camargos; DUARTE, Eduardo; CARDOSO FILHO, Jorge (org).

IPHAN. **Bens Tombados.** Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126>>. Acesso em: 15 jan. 2018. 2017.

PICADO, Benjamim; ARAÚJO, Jônathas Miranda. **A performatividade da experiência estética: modulações rítmicas tensivas da sensibilidade.** In: *Contemporanea*, v. 11, n. 2, mai./ago. 2013. Disponível em https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporanea_poscom/article/view/8526.

QUÉRÉ, Louis. **A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista.** In: FRANÇA, Vera R.; OLIVEIRA, Luciana de (Orgs.). *Acontecimento: reverberações.* Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p.39-51